

Biblioteca Escolar na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte: Avanços e Possibilidades

Leila Barros¹

Carolina Teixeira de Paula²

Resumo

O artigo apresenta o Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RMEBH), suas diretrizes e orientações para o trabalho nas bibliotecas escolares municipais. Também aponta e discute avanços e possibilidades de melhoria da política municipal de leitura e de bibliotecas, problematizando o papel desse espaço no contexto escolar e as práticas que ali acontecem. Compreendendo que a biblioteca não pode atuar (nem ser entendida) como um organismo à parte, sendo necessário seu alinhamento ao Projeto Político Pedagógico da escola, a dimensão pedagógica da biblioteca é o foco principal das reflexões apresentadas. Nessa perspectiva, a integração da equipe da biblioteca com os demais profissionais da escola, especialmente professores e coordenadores pedagógicos, é vista como condição para a realização de um trabalho de qualidade, de modo que as ações realizadas por meio da biblioteca contribuam efetivamente para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Palavras-chave: programa de bibliotecas escolares; política de leitura; política de bibliotecas; leitura literária.

1 Doutora em Literatura Comparada. Professora da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Coordenadora do Programa de Bibliotecas da RMEBH.

2 Mestranda em Educação; pedagoga e bibliotecária na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Coordenadora do Programa de Bibliotecas da RMEBH.

School library in the Municipal Education Network in Belo Horizonte: Advances and Possibilities

Abstract

This article presents the Library Program of Belo Horizonte Municipality's Education Office and describes its guidelines and directions for work within municipal school libraries. It also points out recent advancements and discusses possibilities for improving municipal policy for library and reading, by problematizing the role of a library in school context and the meaning of practices taking place there. The assumption that library cannot act (neither be understood) as an independent organism requires its alignment with the school's Political-Pedagogical Project, bringing us to focus on the pedagogical dimension of libraries in the considerations presented here. From this perspective, the integration of library team with other school professionals, especially teachers and pedagogical coordinators, is seen as a condition to the accomplishment of a quality work, in which actions carried out through libraries may effectively contribute to the development of a meaningful teaching and learning process with students.

Keywords: school library program; reading policy; library policy; literature reading.

[...] um livro existe sem leitor? Ele pode existir como objeto, mas sem leitor, o texto do qual ele é portador é apenas virtual. Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se apossar, para inscrevê-lo na memória ou transformá-lo em experiência? (Roger Chartier).

Para pensar e discutir o papel da biblioteca escolar, os avanços e as possibilidades de sua atuação, as autoras partem da experiência na gestão, à frente da coordenação do “Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte” (RMEBH). O programa foi criado, em 1997, com o nome de “Programa de revitalização das bibliotecas escolares”, em função das dificuldades enfrentadas naquele momento. De acordo com Pimenta et al (1998), o objetivo do Programa, à época da criação, era revitalizar as bibliotecas da RMEBH, caracterizadas, então, por equipamentos e espaço físico inadequados ao seu funcionamento, acervos formados essencialmente por livros didáticos e vários exemplares de um mesmo título, além de carência de pessoal qualificado para atuar no espaço.

É possível perceber, diante desse breve panorama, que a criação do Programa representou uma grande conquista na construção de bibliotecas escolares municipais de qualidade em Belo Horizonte. Hoje, quase 20 anos após sua implantação, o “Programa de Bibliotecas” goza de situação privilegiada em relação a muitos municípios brasileiros, tendo em vista, em primeiro lugar, que todas as escolas de ensino fundamental da

RMEBH possuem biblioteca (estando em consonância, portanto, com a Lei Federal 12.244, publicada em 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do Brasil). Além disso, podemos citar alguns marcos bastante significativos, como: nomeação de bibliotecários e de auxiliares de biblioteca, por meio de concurso público, para atuarem no espaço; garantia de verba para investimento nos acervos, por meio da Lei Orgânica do Município; elaboração de uma política própria de desenvolvimento de acervo³ que estimula a atualização permanente das coleções e o atendimento às demandas da comunidade escolar, por meio de comissões de seleções de acervo ou por listas de sugestões dos usuários.

Apesar do quadro privilegiado de suas bibliotecas, no cenário nacional, há vários (embora nem sempre novos) desafios que a RMEBH precisa superar. Um deles diz respeito à função da biblioteca no contexto escolar e à difícil integração desse espaço com a sala de aula. Muitas vezes, os profissionais da Educação (equipe da biblioteca e professores) fecham-se em práticas isoladas e não se veem como possíveis colaboradores e parceiros. Talvez essa cultura estabelecida no âmbito escolar explique, por exemplo, o estranhamento causado quando, em 2009, se estabeleceu uma coordenação explicitamente compartilhada entre uma bibliotecária e uma professora, opção que demarca a biblioteca escolar (e a gestão) como espaços possíveis de diálogo e de parceria entre os profissionais para a construção de bibliotecas de qualidade. Por meio dessa coordenação compartilhada, busca-se valorizar e estimular a tão necessária integração entre os saberes próprios do bibliotecário e do professor, a fim de que esses olhares sobre a biblioteca contribuam para a elaboração de políticas públicas voltadas ao gerenciamento de acervo e, sobretudo, à formação do leitor e do pesquisador. Assim, é significativo que o “Programa de Bibliotecas” esteja vinculado à Gerência de Coordenação de Política Pedagógica e de Formação (GCPF) da Secretaria Municipal de Educação (SMED), sendo seu objetivo atual elaborar diretrizes para as bibliotecas e monitorar as práticas de leitura e de pesquisa desenvolvidas por meio desses espaços. Nessa perspectiva, compreende-se que a biblioteca escolar é um espaço pedagógico por excelência, e pressupõe-se que toda ação aí realizada tenha como meta contribuir, de forma efetiva, para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem do estudante.

A fim de obter informações atuais sobre o “Programa de Bibliotecas”, de elaborar novas diretrizes para o seu funcionamento e de resgatar e registrar a sua memória institucional, em 2010, foi realizado um estudo diagnóstico das bibliotecas da RMEBH. Para elaborar o diagnóstico e para assessorar a Coordenadoria de Bibliotecas foram contratadas as professoras Maria da Conceição Carvalho e Vera Lúcia Furst Gonçalves Abreu, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG). Dentre os principais instrumentos utilizados na elaboração desse

³ Em 2009, a SMED publicou a *Política de desenvolvimento de acervo das bibliotecas escolares da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte*, elaborada por um grupo de bibliotecárias da RMEBH. Todas as publicações do “Programa de Bibliotecas” estão disponíveis, em formato digital, no endereço: <<https://issuu.com/coordenadoriadoprogramadebiblioteca>>.

documento, destacam-se os *Parâmetros para bibliotecas escolares*⁴, a partir de relatórios estatísticos enviados semestralmente pelos bibliotecários à Coordenadoria do Programa. Esses relatórios informam dados relacionados ao acervo, aos serviços prestados, às atividades e aos projetos de promoção de leitura e de pesquisa desenvolvidos no período. Vale a pena ressaltar que o diagnóstico foi realizado considerando-se apenas os depoimentos dos bibliotecários; portanto, não abrange todo o contexto escolar e não reflete necessariamente o ponto de vista de outros profissionais sobre a biblioteca, como os professores, por exemplo.

Sobre os resultados desse diagnóstico, destacamos algumas constatações: 1) todas as bibliotecas da RMEBH estão em salas próprias; 2) os acervos são diversificados e atualizados; 3) as bibliotecas estão equipadas, em média, com um ou dois computadores com acesso à internet, não possuindo máquinas suficientes para uma turma, conforme preconizam os *Parâmetros*. Assim, os computadores existentes são utilizados pelos funcionários da biblioteca, para serviços internos, e pelos estudantes, para pesquisa escolar individual; 4) a organização do acervo das bibliotecas é precária, pois a sua maioria não possui catálogos de recuperação da informação. Verificou-se ainda que, quando presentes, esses instrumentos de pesquisa e de registro do acervo nem sempre são confiáveis; 5) no que se refere às atividades e aos serviços prestados, há o predomínio de ações voltadas para a formação do leitor literário, havendo poucas atividades destinadas à formação do estudante pesquisador, algo que é esperado, uma vez que a maioria das escolas vem desenvolvendo ações principalmente com foco na promoção da leitura.

Entre os anos 2011 e 2016, os resultados obtidos por meio desse diagnóstico referendaram algumas decisões no âmbito da gestão do “Programa de Bibliotecas”. Dentre as ações promovidas, destacamos a publicação da coleção “Cadernos do Programa de Bibliotecas”, responsável pelo registro das orientações de trabalho para as escolas da RMEBH e que se configura como material de apoio e de formação para os profissionais da Educação. O primeiro volume da coleção, *O Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte*, ocupa-se do registro histórico e institucional do Programa. Nessa publicação está presente, de forma explícita, a concepção de biblioteca escolar da RMEBH, definida como:

[...] um espaço múltiplo de cultura, ação pedagógica, produção de conhecimento e promoção de experiências criativas, é base para os trabalhos desenvolvidos na escola e deve estar a serviço de seu projeto político-pedagógico. Nessa perspectiva, a biblioteca faz a diferença na formação do educando, pois é explorada em todo o seu potencial de espaço influenciador do gosto pela leitura e do fomento à pesquisa escolar, sendo “parte integral do processo educativo”. (BELO HORIZONTE, 2013, p. 12).

4 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2010. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/images/stories/padroesparabibliotecasescolares.pdf>>.

Nessa perspectiva, entendemos que a biblioteca escolar deve favorecer (e estimular) o acesso qualificado à informação, a práticas culturais (nas mais diversas manifestações) e de leitura, também trabalhando “contra a exclusão das pessoas do âmbito da cultura escrita” (ÁLVAREZ; CASTRILLÓN, 2011 p. 87). Ou seja, a biblioteca escolar deve privilegiar ações que, de fato, contribuam para a inclusão dos estudantes no mundo letrado, reconhecendo que o domínio da leitura e da escrita é imprescindível para que esses alunos, realmente, tornem-se cidadãos plenos de direito e capacitados para reivindicá-los. Para além de práticas tradicionais mais arraigadas, várias atividades podem proporcionar um processo crítico de leitura e de escrita, tais como: confecção de jornais (que estimule o estudante como protagonista), leitura e produção de textos literários e participação em feiras de ciências, dentre outras.

No caso dos textos literários, destacamos uma ação da SMED que proporciona a participação mais intensa da biblioteca nos projetos escolares: a *Jornada Literária*, que incentiva os estudantes à produção de livros. A *Jornada* teve início em 2011 e integra o *Projeto 3º ciclo – sujeitos e práticas*, que busca apoiar e assessorar as escolas da RMEBH na implementação das proposições curriculares da própria Rede por meio de práticas que contribuam efetivamente para o processo de formação do estudante adolescente, com base no protagonismo juvenil, na dimensão prática da construção do conhecimento e na orientação para o trabalho. A cada ano, um tema diferente é proposto, como: “Histórias de ruas”, “Histórias de mulheres”, “Sabores da África”, “Sou do mundo, sou Minas Gerais: histórias da nossa gente”, dentre outros. Ao longo do ano, cada escola participante (por adesão) produz, com seus estudantes, textos literários que comporão um livro, produto que concorrerá com outras escolas do município. O projeto apresenta forte potencial para um trabalho integrado dos professores que o coordenam (espera-se que de diversas disciplinas) com os profissionais da biblioteca. Para além da separação de material do acervo da biblioteca sobre a temática daquele ano, podem ser desenvolvidas várias atividades; por exemplo: leitura de textos, contação de histórias, visitas de escritores, saraus, dentre outras. O estímulo à produção de textos literários, por meio desse projeto, cria uma oportunidade ímpar de desenvolvimento de habilidades de escrita, com toda a riqueza que a linguagem literária proporciona.

Outra ação integrante do *Projeto 3º ciclo*, importante no contexto aqui apresentado e que permite o envolvimento efetivo da biblioteca com o professor, no tocante à pesquisa e ao uso das tecnologias na solução de problemas, é a *Feira de Ciências, Cultura e Tecnologia*. O foco da *Feira* é a participação efetiva e ativa dos estudantes na sua própria formação,

[...] por meio do desenvolvimento de projetos, pesquisa, uso da tecnologia, solução de desafios gerados por problemas práticos, valorização da cultura local, do patrimônio e da produção cultural dos educandos. O engajamento nesses empreendimentos pode contribuir para o desenvolvimento de uma atitude reflexiva, problematizadora e investigativa, que estimule o protagonismo juvenil

e a criatividade. O produto deste processo deve culminar com a realização de uma Feira de Ciências, Cultura e Tecnologia na escola, cuja concepção parte de uma nova visão, que tem como principal estratégia o desenvolvimento de projetos. E os resultados desse processo devem estar relacionados à aprendizagem escolar dos estudantes no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades elencadas nas Proposições Curriculares da RMEBH. (cf. documento interno).

O segundo volume da coleção “Cadernos do Programa de Bibliotecas”, *Orientações para o uso da biblioteca escolar*, apresenta, pela primeira vez, por escrito, as diretrizes que deverão nortear o trabalho nas bibliotecas da RMEBH. A publicação coloca em debate temas como a integração da biblioteca com os demais setores da escola, a importância da participação dos profissionais de biblioteca (auxiliares de biblioteca, bibliotecários e professores em readaptação funcional) nos momentos pedagógicos, a necessidade de abertura da biblioteca durante o recreio, a preservação e a conservação dos acervos, com foco nos processos educativos, o direito ao manuseio do livro, pelo leitor, o desafio (tanto de professores quanto dos profissionais de biblioteca) em se desenvolver atividades e projetos com foco no letramento informacional, a importância da dinamização dos acervos e da divulgação da biblioteca para a comunidade escolar.

A publicação problematiza desde o uso do espaço como local de castigo (desafio que, ao contrário do que se poderia pensar, ainda não foi superado) até o mais imprescindível pilar de toda biblioteca escolar, que é integrar o currículo da escola:

[...] é cada vez mais necessário introduzir a biblioteca no currículo das escolas municipais, ressignificando o papel desse espaço de formação no contexto escolar. Nessa perspectiva, todos os profissionais da educação devem se responsabilizar, dentro de suas atribuições, pelo desenvolvimento de ações que aconteçam nesse espaço, de tal maneira que os projetos e as atividades da biblioteca façam parte, efetivamente, do planejamento escolar anual e da vida escolar como um todo. (BELO HORIZONTE, 2014b, p. 14).

Dessa forma, é sintomático que a biblioteca, muitas vezes, torne-se um organismo à parte na escola, com ações que não dialogam com o Projeto Político Pedagógico da instituição, e esteja alheia ao processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Por outro lado, além de não estar integrada aos demais setores, parte significativa dos profissionais não participa das reuniões pedagógicas – mesmo sendo uma de suas atribuições – e não é chamada para opinar, propor e participar das decisões escolares. Nesse cenário, entendemos que é urgente e necessária uma mudança de cultura no ambiente escolar, para que a biblioteca seja integrada, efetivamente, à organização escolar. Segundo Álvarez e Castrillón (2011):

[...] é importante enfatizar que a sala de aula e a biblioteca se encontram no território comum da ação educacional da escola. Portanto, a biblioteca escolar deve “ir além” de suas fronteiras e declarar-se um espaço de potencialização do trabalho da sala de aula, na medida em que ordene seus recursos de leitura e informação em função das demandas curriculares [...] (ÁLVAREZ; CASTRILLÓN, 2011, p. 88).

Nesse ponto, é importante mencionar a implementação, em 2015, do Plano de Melhoria da Aprendizagem (PMA), pela SMED, o qual se refere a

[...] um conjunto de ações discutidas e elaboradas pelas equipes escolares, as quais têm como foco a melhoria contínua dos processos de ensino-aprendizagem, para garantir a todos o direito de aprender. Consiste na adequação do planejamento do ensino e da organização do trabalho escolar, considerando as necessidades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes ao longo de suas trajetórias escolares, detectadas por meio das diversas avaliações internas (realizadas pelos professores no cotidiano escolar) e externas (Avalia-BH, Proalfa, Proeb, Prova Brasil). (BELO HORIZONTE, 2014a, p. 93).

Do ponto de vista da biblioteca (e, conseqüentemente, dos profissionais nela atuantes), o PMA representa um marco importante, já que reconhece a dimensão pedagógica da biblioteca escolar e seu significativo potencial de contribuição para a melhoria da qualidade da Educação, além de sua função de apoio a diversas disciplinas, e não somente à língua portuguesa. Entendemos que um dos nós da biblioteca escolar é justamente o fato de que o espaço ainda é visto (se tanto) como exclusivo de professores de língua portuguesa e de literatura; daí avaliarmos a necessidade de apropriação por professores de outras disciplinas, no desenvolvimento de seus conteúdos. Para a elaboração de seus PMAs, as escolas são orientadas a apresentarem ações próprias de biblioteca que favoreçam o aprendizado do estudante, como espaço promotor da leitura, da produção de textos e da pesquisa. Com esse papel crucial, não é possível conceber a biblioteca (e também a literatura) como “tapa-buracos”, uma simples forma de passar o tempo e de resolver problemas alheios ao potencial que o espaço pode propiciar. Citamos novamente Álvarez e Castrillón (2011), concordando que é na integração da sala de aula com a biblioteca

[...] que se devem considerar as saídas para uma prática vital e libertadora de mediação da leitura na escola; é onde se devem questionar as visões prejudiciais que atribuem à biblioteca escolar o dever mecânico de solucionar tarefas absurdas com dados que não inspiram conhecimento, e de oferecer, como prêmio de consolação, uma mediação da leitura reduzida a uma dinamização da leitura “fútil” e incidental, cheia de brincadeiras e esquecimento de si mesmo, planejada para fazer passar o tempo e atenuar as “amarguras” dos deveres escolares. (ÁLVAREZ; CASTRILLÓN, 2011, p. 88).

O terceiro volume da coleção “Cadernos do Programa de Bibliotecas”, *Experiências de mediação de leitura: saberes em movimento*, reúne 49 relatos de experiência de profissionais de biblioteca da RMEBH, dando visibilidade às atividades e aos projetos de incentivo à leitura e à pesquisa e à sua promoção nas escolas, desenvolvidos nas bibliotecas ou por meio delas. Esse volume representa raios X do que é desenvolvido nas bibliotecas da RMEBH, sendo os relatos apresentados nas seguintes classificações (meramente didáticas, tendo em vista que alguns textos podem ser inseridos em mais de uma categoria): 1) a seção “Biblioteca e sala de aula: saberes em diálogo” é composta por

relatos que apresentam experiências de ações realizadas em integração de profissionais de biblioteca e professores; 2) a categoria “Acesso, divulgação e dinamização: acervos em movimento” apresenta ações que buscam divulgar e movimentar os acervos das bibliotecas entre os leitores cativos e os leitores em potencial; 3) na seção “Incentivo à leitura” são apresentados relatos que se dedicam a práticas de leitura efetiva do livro, no âmbito da biblioteca; 4) os textos classificados na categoria “Literatura em diálogo com outras artes, linguagens e áreas” são resultados de experiências de atuação da biblioteca como um espaço de diálogo entre diversas áreas do conhecimento; 5) “Contação de histórias” apresenta experiências cujo foco do trabalho é a contação de histórias como estratégia para atrair o público, a partir de ações que visam à formação do leitor literário; 6) na seção “Diversidade”, os textos buscam discutir e apresentar projetos e atividades relacionadas especialmente à temática étnico-racial; 7) em “Datas comemorativas”, os relatos relacionam-se às ações dos planejamentos das bibliotecas, concebidas a partir do calendário de datas comemorativas, mote do trabalho desenvolvido em muitas bibliotecas; 8) o único relato constante da seção “Pesquisa escolar” apresenta uma ação que buscou desenvolver, com os estudantes, um trabalho relacionado ao processo de investigação científica, com foco na formação do aluno pesquisador; 9) em “Biblioteca escolar: família e leitura livre”, as ações são caracterizadas por desenvolverem práticas de leitura realizadas livremente, com a participação de diversos segmentos da comunidade escolar; e 10) “Educar para preservar e conservar”, item em que foram classificadas as ações que se ocupam de intervenções pontuais na educação do usuário para o uso consciente do acervo.

O quarto volume da coleção (no prelo) apresentará as políticas de leitura da SMED, desenvolvidas no âmbito do “Programa de Bibliotecas”, com destaque para a política pública de distribuição de livros literários⁵. Anualmente, desde 2004, a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) distribui gratuitamente, junto com o *kit* de material escolar (contendo mochila, uniforme, calçado, cadernos, lápis, borracha, cola, dentre outros itens), dois livros literários aos estudantes da RMEBH e da Rede de Creches Conveniadas. A fim de atender à demanda desses leitores, são elaboradas seis versões diferentes de *kit*, de modo que atendam aos perfis dos estudantes da Educação Infantil (crianças de 0 a 2 anos e 11 meses e de 03 a 05 anos e 11 meses), do Ensino Fundamental (1º, 2º e 3º ciclos) e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em consonância com o preceito da bibliodiversidade, os acervos do *kit* são constituídos por obras brasileiras e estrangeiras de diversos gêneros literários. Além disso, os livros são selecionados a partir dos seguintes critérios: adequação temática à faixa etária do estudante, projeto gráfico-editorial e qualidade literária da obra. Cabe aqui esclarecer que essa política pública de leitura é caracterizada por investir na formação do leitor em família, constituindo

5 A política do *kit* literário é apresentada em detalhes nos textos “Literatura na mochila: uma política de democratização da leitura literária” e “A política do *kit* literário da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte: pela (necessária) apropriação dos profissionais da Educação”, cujas referências completas encontram-se ao final deste artigo.

acervos pessoais e garantindo o acesso ao livro literário, bem simbólico, caro e ainda inacessível à maior parte da população brasileira.

Assim como vem ocorrendo ao longo dos anos, a atual gestão da SMED privilegia a formação do leitor literário como um dos principais objetivos do trabalho desenvolvido nas bibliotecas da RMEBH, tendo em vista a importância da leitura literária na formação estética, cultural e ética dos sujeitos, o que é ressaltado por meio da política do *kit*. Mais do que o desenvolvimento de habilidades como a ampliação de vocabulário, dentre outras, é por meio da literatura que o leitor poderá ressignificar suas experiências pessoais, ao vivenciar alegrias, aventuras, tristezas e dramas apresentados nos livros. Dessa maneira, procura-se apresentar títulos literários que problematizem as situações, movimentando o sujeito do lugar comum para uma reflexão mais profunda sobre si mesmo e sobre os outros, por meio da imaginação e da fantasia. Nessa perspectiva, Zilberman (2008) defende a importância da leitura literária, ao afirmar:

[...] a leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo. (ZILBERMAN, 2008, p. 17).

Realizada pelo Instituto Pró-Livro com o objetivo de estudar o comportamento leitor da população brasileira, a Pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, em sua segunda edição, constata que tanto o consumo quanto a leitura crescem na proporção da escolaridade (quem está na escola lê mais) e do rendimento familiar. Com base nesses dados, não podemos desconsiderar o papel da escola na formação do leitor, especialmente do leitor literário. O desafio, portanto, é formar esse leitor para a vida, e não somente para a escola, instrumentalizando-o para se tornar um leitor competente, capaz de ler vários tipos de textos (literário, informativo, técnico, dentre outros). Diante disso, entendemos que o foco principal de trabalho da biblioteca escolar deve ser a formação do leitor, para que se torne cada vez mais competente para apreciar (e dialogar com) os mais variados textos. Nessa visão, é importante destacar a necessidade de que o mediador também seja, ele próprio, um leitor crítico, de que desperte os estudantes para as várias possibilidades apresentadas pelos textos. Com relação aos mediadores para a leitura no século XX, Anne-Marie Chartier (2011) faz uma crítica principalmente à formação dos professores, ao afirmar:

[...] para conseguir que outros amem a leitura, é preciso ser um leitor; e para que os professores sejam “amigos da leitura, da leitura de verdade, do que lemos por gosto, da leitura desinteressada”, a literatura contemporânea (teatro, poesia, novela) tem que entrar nas escolas normais. (CHARTIER, 2011, p. 42).

Assim, é necessário que as práticas desenvolvidas na biblioteca tenham como cerne principal a leitura em si, de maneira que se leia efetivamente para os alunos, e que esses sejam instigados a também realizarem leituras. Especificamente no campo da leitura literária, uma boa atividade é a retomada dos clubes de leitura, pois essa ação possibilita a troca de impressões sobre o livro lido, tornando esse tipo de leitura um assunto importante e cotidiano na vida dos estudantes.

Além da publicação da coleção “Cadernos do Programa de Bibliotecas”, a partir do diagnóstico de 2012, já mencionado, foi possível reafirmar a necessidade de investimento na automação das bibliotecas escolares, iniciado (ainda em 2007) por um grupo de bibliotecários da RMEBH. Numa nova etapa da tentativa de automação, desde 2013, está em curso um processo de aquisição de *software* de gerenciamento de acervos, tendo sido adquiridos leitores ópticos e impressoras. A automação certamente permitirá o melhor aproveitamento das coleções disponíveis nas bibliotecas, já que a catalogação dos itens e sua recuperação no acervo deverão se tornar mais eficientes e ágeis, impactando na otimização do tempo e nos trabalhos relacionados à organização dos itens que compõem o acervo e ao gerenciamento de serviços.

Também é importante destacar que, a partir de 2014, a Coordenadoria do Programa de Bibliotecas passou a solicitar às escolas o planejamento das bibliotecas, a ser desenvolvido no decorrer do ano, por o considerarmos instrumento fundamental para a sistematização e para o bom andamento das atividades e projetos. Nos planejamentos, devem constar as atividades e os serviços de rotina (organização do acervo, horário de empréstimo, dentre outros), bem como os projetos e as ações de promoção da leitura e da pesquisa. Consideramos que essa medida afeta significativamente a rotina (e a concepção) de trabalho das bibliotecas, já que tenta organizar os tempos dos profissionais, além de dar visibilidade à biblioteca e ao que acontece nesse espaço. Uma das orientações da SMED é a de se socializar esses planejamentos com todos os setores pedagógicos da escola, para implicar vários profissionais e convidá-los à integração e ao diálogo, dividindo não só as conquistas e os trabalhos exitosos, mas também os desafios e os possíveis caminhos na solução dos obstáculos ao desenvolvimento do trabalho.

Vale ressaltar que, até 2013, o monitoramento das bibliotecas da RMEBH era realizado por meio de reuniões mensais com os bibliotecários e pelo recebimento de relatórios estatísticos (já mencionados). Avaliando a necessidade de mudança dessa metodologia de trabalho, a partir de 2014, o monitoramento passou a ser realizado por meio de reuniões semestrais, com a participação de todos os profissionais de bibliotecas, em escolas da RMEBH (e não apenas centralizadas na SMED). De maneira geral, o objetivo principal dessas reuniões é conhecer o planejamento das bibliotecas (no primeiro semestre) e avaliar os avanços e os desafios enfrentados durante a sua execução (no segundo semestre). Em função de o número de participantes não ultrapassar 20 servidores, as reuniões propiciam momentos de discussão do trabalho;

de escuta e de troca de experiências; de apoio às equipes das escolas, por meio de encaminhamentos práticos e objetivos, por parte da Coordenadoria do Programa, a fim de que as bibliotecas saiam do nível básico para um nível desejado de atendimento. Com isso, passamos a conhecer melhor as escolas, as bibliotecas e os profissionais, e deles nos aproximamos, para auxiliar na resolução de problemas, na elaboração de planejamentos consistentes de trabalho e na avaliação da atuação da biblioteca no contexto escolar. Assim, podemos interagir e intervir, quando necessário, para que o trabalho flua com mais qualidade e eficiência. Além dessas, ocorrem também reuniões individuais com os bibliotecários, com o objetivo de se conhecer a realidade das escolas, do ponto de vista daqueles que coordenam os trabalhos nas bibliotecas. Por meio dos dados coletados nessas reuniões, a gestão pode intervir diretamente em cada escola, no sentido de apoiar as ações e de auxiliar na superação de desafios e conflitos, de forma a potencializar o trabalho nas bibliotecas.

Para além da produção de materiais formativos e da realização de reuniões de planejamento, consideramos essencial a rede de formação que se estabeleceu ao longo de 2016, quando foram ministradas oficinas para diversos grupos de profissionais da Educação sobre temas pertinentes à biblioteca escolar, à formação do leitor e do pesquisador. Além dos profissionais de biblioteca, passaram por formação: diretores e vice-diretores de escolas, equipe de monitoramento da aprendizagem⁶ e coordenadores pedagógicos. A expectativa é de que as equipes das escolas dialoguem sobre os avanços e os desafios colocados para a biblioteca escolar, de maneira que haja coesão, por parte dos profissionais, no tocante ao trabalho desenvolvido nas bibliotecas da RMEBH.

Mesmo com todos os avanços alcançados ao longo dos anos, e consideramos que foram muitos, não podemos deixar de refletir sobre os desafios atuais, relacionados às formas de fazer circular os acervos e de potencializar o seu uso, a fim de que a biblioteca contribua, de fato, para o desenvolvimento satisfatório do processo de ensino-aprendizagem do estudante. Entendemos que isso só acontecerá quando o currículo e as práticas desenvolvidas na escola forem capazes de contemplar a dimensão pedagógica da biblioteca escolar, onde ocorrem (ou devem ocorrer) práticas que visem à formação mais consistente de leitura e de escrita. Nesse contexto, acreditamos que a biblioteca tem melhores condições de atuar também como um espaço de pesquisa e de estudo, pois é por meio da leitura competente de variados tipos de textos que o sujeito terá melhores condições de se posicionar no mundo de forma mais crítica e emancipatória, fazendo-se cumprir uma das principais funções da escola.

Para avançarmos na concepção de biblioteca, suas funções no âmbito escolar e as práticas que ali acontecem, é necessário avançar para um modo de trabalho que privilegie a interação entre os profissionais. Nesse contexto, o coordenador pedagógico

⁶ A equipe de monitoramento da aprendizagem é formada por professores da RMEBH lotados nas Gerências Regionais de Educação. Esses profissionais têm como função realizar o acompanhamento pedagógico das escolas a partir das orientações da SMED.

tem papel fundamental, como corresponsável pelas ações empreendidas nas bibliotecas, uma vez que compete a esse profissional propor ações pedagógicas com foco nas aprendizagens. Além disso, diante do quadro de pessoal atuante nas escolas da RMEBH, cujo bibliotecário é lotado em uma biblioteca-polo⁷, sendo responsável por coordenar, em média, os trabalhos de quatro a cinco bibliotecas, é preciso que esse profissional atue como um líder de seu grupo, dando autonomia aos profissionais de biblioteca para desenvolverem as ações, mas sem deixar de ser a referência para a equipe da escola nos assuntos pertinentes à biblioteca. Acreditamos que a educação básica não comporta mais aquele profissional tecnicista, apegado às regras por elas mesmas, fora de um contexto educativo. Nesse sentido, a partir de atividades e de projetos voltados para a leitura, a escrita e a pesquisa, o foco do trabalho na biblioteca deve ser sempre o leitor, e não o acervo em si mesmo, o qual deverá ser visto como um instrumento importante que viabilizará a execução das ações e dos projetos.

Assim, do ponto de vista dos aspectos que permeiam os processos de formação do leitor, consideramos inconcebível que os estudantes, especialmente os da Educação Infantil e os das séries iniciais, deixem de ter acesso, por meses, ao livro e aos serviços prestados pela biblioteca, pelo fato de terem perdido ou danificado o material. Por compreender que toda ação na escola é educativa, consideramos necessários a criação e o desenvolvimento de estratégias que tratem a preservação e a conservação do livro também como processos pedagógicos. Logo, acreditamos que, em certas situações, a atuação somente por meio de penalidades não é a única – nem tampouco a melhor – solução para esse desafio, pois, dependendo da situação e da intensidade com que são aplicadas, essas sanções afastam cada vez mais o leitor do mundo da leitura. Entendemos, portanto, que os profissionais atuantes nas bibliotecas precisam ter sensibilidade para compreender a realidade de seus estudantes, a fim de que as ações relacionadas aos itens do acervo façam sentido para os usuários da biblioteca, os quais devem ser formados a conceber o livro da biblioteca – seja ela pública, escolar ou universitária – como um bem comum.

Frente a esse cenário, de uma maneira geral, avalia-se que existe uma lacuna na formação profissional e acadêmica dos profissionais da Educação naquilo que se refere à biblioteca escolar. Nos cursos de formação de professores, especialmente nos de Pedagogia e de Letras, é raro o currículo que se preocupa com o debate em torno dos aspectos relacionados ao potencial que a leitura e a biblioteca escolar podem proporcionar na vida do estudante. O mesmo ocorre do ponto de vista da formação do bibliotecário que, em sua trajetória acadêmica, não conta com um currículo que aborde o viés pedagógico da biblioteca escolar. Acrescente-se a essa dificuldade a constatação, mais ou menos comum, de que muitos profissionais de biblioteca não se

7 A estrutura de organização das bibliotecas da RMEBH prevê dois tipos de biblioteca: bibliotecas-polo, onde são lotados os bibliotecários e que atendem à comunidade em geral, além da comunidade escolar, e as demais bibliotecas, que recebem o nome de bibliotecas coordenadas.

reconhecem (ou não são reconhecidos) como mediadores de leitura, seja ela literária ou não. Nesses casos, são priorizadas as atividades de preparação e de empréstimo dos livros, de forma muitas vezes mecânica, sem que ocorra um trabalho efetivo de mediação e que tenha significado pedagógico; os estudantes acabam pegando os livros obrigatoriamente, e os devolvem sem realizar a sua leitura. Assim, temos preocupação, como gestoras, em apresentar orientações claras sobre as funções dos servidores atuantes nas bibliotecas, de maneira que eles compreendam o seu papel de mediador de leitura, desde o momento de preparo do livro até o contato com o estudante. Também as relações interpessoais dentro da própria biblioteca e da equipe da biblioteca com os demais setores da escola é algo a se levar em conta, com vistas a um trabalho educativo de qualidade. Assim, é necessário que todos falem “a mesma língua”, sem deixarmos de valorizar e de entendermos as diferenças próprias de cada ciclo, de cada turno, de cada escola.

Somam-se ao exposto os aspectos relacionados ao espaço físico, já que a realidade mostra que boa parte das bibliotecas são salas de aula adaptadas, que não foram planejadas originalmente como bibliotecas. Assim, de acordo com o diagnóstico já citado, a maioria das bibliotecas da RMEBH situa-se no nível básico dos *Parâmetros para bibliotecas escolares*. Ressalta-se ainda que, mesmo as que foram construídas como bibliotecas, por vezes, não atendem às necessidades das escolas, já que não obedecem a requisitos mínimos de construção, que poderiam ser contemplados com a participação de um profissional competente nas decisões que envolvem as melhores escolhas para um espaço de biblioteca. Um exemplo evidente é o fato de que algumas bibliotecas têm sido construídas com estantes de alvenaria e com balcões de atendimento em dimensões que não favorecem a atuação adequada do mediador e o atendimento ao pequeno leitor.

Também concernente ao espaço físico é a realidade de muitas escolas em que a biblioteca divide espaço com vários outros setores, ou se configuram como verdadeiros depósitos de todo tipo de material. Em alguns casos, os livros didáticos são armazenados nas bibliotecas e por lá permanecem ao longo de todo o ano, dificultando ou impedindo um trabalho próprio do espaço que tem, portanto, sua identidade desfigurada para atender a outras demandas que não as suas próprias. Aqui, é importante deixar claras as orientações da Coordenadoria de Bibliotecas para o livro didático. Em primeiro lugar, a gestão dessa política pública não pode ser considerada um “problema” na escola, pois é preciso reconhecer a sua importância e o seu papel democratizante de acesso ao livro. Assim, respeitando sua função e o direito do estudante em ter o livro para si durante o ano letivo, a orientação é de que as obras sejam imediatamente distribuídas aos alunos, medida que contribui para que os livros não ocupem o espaço da biblioteca. É necessário também reconhecer que, se, por um lado, a orientação é para que os livros não permaneçam na biblioteca por longo tempo, por outro, isso não implica que os profissionais desse setor não têm responsabilidade sobre sua gestão.

O próprio MEC atribui a função de lidar com o livro didático a todos os profissionais da escola, e não somente a um setor. O grande desafio é dividir as tarefas; cada profissional atuando dentro de suas atribuições, de forma que a política tenha uma gestão mais eficiente no município.

Outro aspecto que diz respeito ao espaço físico (mas não somente a ele) é a própria forma de ordenação da biblioteca: é preciso garantir que os acervos estejam organizados a partir das necessidades dos estudantes atendidos pela RMEBH, principais usuários da biblioteca escolar, e que os serviços prestados (empréstimo, renovação, consulta, reserva, dentre outros) sejam eficientes e qualificados. Para efetivar essa organização de maneira plena, a automação será um grande passo, mas não é o único. Há outros aspectos que não podem ser negligenciados, como a própria acolhida e a forma de atendimento: não é possível falar em biblioteca eficiente contando com um profissional que recebe mal o usuário. Por outro lado, também reconhecemos a importância de um espaço arejado, limpo, alegre, convidativo, para atrair o leitor, especialmente (mas não só) as crianças.

É preciso também problematizar que, mesmo sendo uma das poucas redes públicas no país a contar com bibliotecários e auxiliares de biblioteca, um aspecto que impacta diretamente no trabalho desenvolvido nas bibliotecas é a falta temporária desses profissionais. Embora o problema seja esporádico e, em termos percentuais, ocorra em poucas escolas, é necessário avaliar e implementar formas de reposição e/ou de substituição que garantam a presença de pessoal capacitado, sem interrupção, para a manutenção e para a realização das atividades propostas, quando esses profissionais se ausentam, por licenças médicas e/ou férias. Além disso, devemos considerar que, quando esses profissionais se desvinculam do quadro da PBH (por aposentadoria ou por exoneração, por exemplo), o cargo fica vago até que outro servidor tome posse. Durante esse período, muitas vezes, as bibliotecas funcionam de maneira precária, sendo que os serviços, as atividades e os projetos ficam interrompidos por falta de pessoal, até a reposição, que nem sempre é ágil e automática como o desejado.

Finalmente, consideramos crucial a ampliação do atendimento do “Programa de Bibliotecas” da RMEBH às Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEIs), nos moldes daquele realizado nas escolas de Ensino Fundamental. Para além da organização e do gerenciamento dos acervos já existentes nas UMEIs e um trabalho intenso de promoção da leitura (essas unidades contam também com verba própria para aquisição de livros e outros materiais), é preciso insistir na garantia da biblioteca e da presença de profissionais qualificados para nela atuarem. Entendemos que o espaço constituído da biblioteca já na Educação Infantil cria hábitos que vão se estender ao longo da vida das crianças atendidas nessas unidades. Assim, a formação desses pequenos leitores é um passo importantíssimo para criarmos comportamentos leitores que irão influenciar na sua vida escolar, ao chegarem ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio. Acreditamos

que essas crianças terão outra relação com a leitura e com a biblioteca, naquilo que ela pode proporcionar ao seu desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Nesse sentido, consideramos importante mencionar campanha lançada pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), que vem orientando os pediatras de todo o país a receitarem livros, em seus consultórios⁸. Segundo o presidente da SBP, Eduardo Vaz, são vários os benefícios da leitura para bebês e crianças de 0 a 6 anos, como: estímulo ao aumento das conexões cerebrais, rápida alfabetização, facilidade no aprendizado de línguas, melhor desempenho acadêmico e a necessidade de formar um adulto “que tenha qualidade de vida e exerça sua cidadania”. Ainda de acordo com Vaz, “estamos atrasados na inclusão do livro na pediatria. Ler para o bebê reflete diretamente em seu bom desenvolvimento, na cognição e na afetividade. Quem lê para o bebê cria com ele um vínculo afetivo para a vida toda e contribui para que ele seja um adulto melhor”.

Referências

ÁLVAREZ, D; CASTRILLÓN, S. Da mediação da leitura ou de como “ir além”. In: MIRET, I.; ARMENDANO, C. (Coord.). **Leitura e bibliotecas escolares**. Madri: Fundação Santillana, 2011. p. 83-92. (Coleção Metas Educativas 2021).

BARROS, L. C.; PAULA, C. T. de. A política do kit literário da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte: pela (necessária) apropriação dos profissionais da Educação. **Revista Educa BH**, Belo Horizonte, n. 3, p. 31-41, 2015.

BARROS, L. C.; PAULA, C. T. de. Literatura na mochila: uma política de democratização da leitura literária. In: CONGRESO LATINOAMERICANO PARA EL DESARROLLO DE LA LECTURA Y LA ESCRITURA; FORO IBEROAMERICANO DE LITERACIDAD Y APRENDIZAJE, 12.; 4, 2013. **Memoria de trabajos**. Puebla, México: Consejo Puebla de Lectura, 2013. p. 1145-1151. v. 2. Disponível em: <<http://www.inaoep.mx/~cplorg/pdfs/m1.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Experiências de mediação de leitura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: SMED, 2015. (Coleção Cadernos do Programa de Bibliotecas, 3).

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações para o Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos na Rede Municipal de Educação: tempos e espaços, pessoas e aprendizagens**. Belo Horizonte: SMED, 2014.

⁸ Campanha pede que pediatras de todo o país “receitem livros” para crianças. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/10/1695362-campanha-pede-que-pediatras-de-todo-o-pais-receitem-livros-para-criancas.shtml>>. Acesso em: 04 nov. 2016.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações para o uso da biblioteca escolar**. Belo Horizonte: SMED, 2014. (Coleção Cadernos do Programa de Bibliotecas, 2).

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **O Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: SMED, 2013. (Coleção Cadernos do Programa de Bibliotecas, 1).

CHARTIER, A. M. O que leem os jovens e as instituições educacionais: da transmissão à mediação. In: MIRET, I.; ARMENDANO, C. (Coord.). **Leitura e bibliotecas escolares**. Madri: Fundação Santillana, 2011. p. 27- 47. (Coleção Metas Educativas 2021).

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil**. 2. ed.. Disponível em: <http://www.snel.org.br/wpcontent/uploads/2012/08/pesquisa_habito_de_leitura_2008.pdf>. Acesso em: 25 out. 2016.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil**. 3. ed.. Disponível em: <http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2012/08/pesquisa_habito_de_leitura_2008.pdf>. Acesso em: 25 out. 2016.

PIMENTA, L. V.; AIRES, M. C. P.; RIBEIRO, T. R. **Programa de revitalização das bibliotecas das escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte**. Disponível em: <gebe.eci.ufmg.br/downloads/110.pdf>. Acesso em: 07 out. 2016.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 14, p. 11-22, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/54486>>. Acesso em: 12 out. 2016.

Recebido em 05/08/2016

Aprovado em 24/11/2016